

AURENICE CARDOSO

Conscientização e Alfabetização

Uma Visão Prática do Sistema Paulo Freire

AO TERMOS ANALFABETOS ADULTOS sob a nossa responsabilidade educacional, devemos pensar que tipo de trabalho poderemos desenvolver. Tratando-se de adultos, isto é, seres mentalmente desenvolvidos, que possuem um certo amadurecimento e ainda uma experiência de vida, haveremos de nos ocupar sobretudo com uma educação de *grupos*.

Mas, para que realizemos um trabalho organizado, poupando energias, teremos de submetê-lo a uma ordenação, de planejá-lo previamente, para que atinjamos nossos objetivos com a máxima economia de tempo e de esforços.

Disciplinaremos nosso espírito através de um método. O método implica numa série de processos, que se apresentam externamente através de uma técnica.

Quando método, processos e técnica sintetizam-se num conjunto de princípios e conseqüências, unitária e organicamente temos um *sistema*. Sendo mais amplo que o método deve o sistema se caracterizar pelo seu caráter funcional. Esta última dimensão nos possibilitará uma análise do sistema educacional brasileiro, tido como *orgânico*. Antes porém, levantaríamos algumas per-

guntas: tem sido operante o sistema educacional brasileiro? Tem-nos levado a equacionar nossos problemas? Até que ponto integra o brasileiro na sua realidade?

Respostas a estas perguntas levam-nos a fazer considerações maiores e restrições à organicidade do sistema educacional brasileiro. É que ele se carrega de organicidade apenas intrinsecamente, enquanto método, processos e técnicas, e isso não basta, porque, enquanto se desvincula, se divorcia da realidade, a ela se superpõe. Perde portanto, o seu caráter de funcionalidade, uma vez que não corresponde a um espaço-tempo; isolando-se do contexto, esvazia-se e se torna inoperante.

Entendemos conseqüentemente, que para um sistema ser classificado orgânico, deva além da organicidade interna, travar relações com a contextura histórico-cultural. (*)

Esta relação dialética permite que o sistema, na medida em que se enriquece com as modificações processadas no próprio contexto, se renove.

Investigações dessa natureza levaram o Prof. Paulo Freire a elaborar não só um método *ativo*, mas um sistema de

educação de adultos, que leva os analfabetos não só a se alfabetizar, mas a ganharem a consciência de sua responsabilidade social e política. O sistema proporciona ao homem muito mais que o simples alfabetizar, pois através da discussão de problemas locais, regionais e nacionais torna-o mais crítico e o leva *posteriormente* a se conscientizar e a se politizar.

Encontramos homens que não sabiam quem era o presidente ou o governador, completamente defasados da época atual; interessante é observar que ao se iniciarem no diálogo assumem novas atitudes e criam novos hábitos.

O contacto inicial e direto que estabelecemos com a comunidade é durante a pesquisa do universo vocabular — etapa realizada no campo e que é a primeira do Sistema Paulo Freire de educação de adultos.

Não é uma pesquisa de alto rigor científico, não vamos testar nenhuma hipótese. Trata-se de uma pesquisa simples e que tem por objetivo imediato a obtenção dos vocábulos mais usados pela população a se alfabetizar.

Estabelecendo conversas informais com as pessoas da comunidade, referimo-nos ao plano de alfabetização; descrevemos o que é um “círculo de cultura”, falamos na projeção e nas técnicas usadas, referimo-nos à rapidez com que um grupo se alfabetiza.

Investigamos de maneira hábil o que eles pensam, como vivem e o que desejam ser. Respostas diversas são obtidas, como por exemplo:

“Vivo como andorinha, sem ter morada”; “Tirando do trabalho, gosto de largar vez assim pra missa”; “Eu apaixonou um filme na rua”; “Aqui, a gente

da caatinga não conhece divertimento”; “Nós vive na maior das pobreza”; “De-sejo ser aboletado num canto, pra não viver mais aos imboléos”; “Gente pobre é mesmo do cabo da enxada” (Petrilina, Estado de Pernambuco); “Pobre não tem feriado”; “Quero ser gente porque gente tem uma classe melhor” (Ilha do Leite e Aflitos, Recife, Pernambuco); “A terra só tem vida, porque o camponês trabalha”; “A união faz a força: se o desenhista desenha o prédio, é o operário que conhece o tijolo que constrói — é as duas forças unidas que faz o progresso” (Brasília, D. F.); “O povo diz que moça não tem pensá”; “Estou azeitando o eixo do sol”; “O divertimento daqui é o grilo cantando e a gente dormindo 6 horas” (Cajueiro Sêco, Jaboatão, Estado de Pernambuco).

Procurando sondar um pouco o grau de criticidade perguntamos a eles se acreditam em malassombrado, caipora, lobishomem; quando as respostas são positivas investigamos se já viram tais personagens e onde.

Alguns dizem que só têm medo de bicho do chão. Outros que lobishomem é contrabando. Mais ainda: “Tenho muito medo”; “De tudo há, eu nunca ví, mas dizem que há”; “Tenho impressão que faz medo” (Ilha do Leite e Aflitos, Recife, Pernambuco); “Malassombro é pantaforma, porque alma não existe” (Angicos, Rio Grande do Norte); “Falam que existe, mas é impressão da gente”; “Nós temos que ter medo dos vivos” (Osasco, São Paulo).

Obtemos dados sobre idade, profissão, assim como opiniões sobre o plano de alfabetização; as respostas se diversificam: “Não tenho mais idade, sou

cruca" (idem Ilha do Leite, Aflitos ; "Papagaio velho não aprende mais a falar"; "Água mole em pedra dura tanto bate até que fura"; "Queremos tirar o povo do cativeiro do analfabetismo"; "Estão até dando risada de mim"; "Minha mãe falava assim, o Nhambú que nasce sem rabo não cresce mais"; "Quem não sabe lê carrega a força para si mesmo"; "Quem não sabe lê arranja trabalho duro"; "Tenho fé em Deus de aprender embora tenha dificuldade"; "Quero aprender a ler pra seguir nas leis se puder ser"; "O analfabeto é um homem perdido" (idem Cajuero Sêco, Jaboatão, Pernambuco).

Além de sentenças e expressões colhemos as palavras mais usadas, sobretudo as mais carregadas de emoções. Algumas são regionais, outras locais, como: capiloçadas, soturno, belota, cintilante, birita, camburão, puçá, mangaeiro, braúna, serilho, etc.

Esse primeiro contacto é de importância relevante, porque no grupo vamos colher o material, que será apenas organizado, para posteriormente ser-lhe devolvido como um dos veículos de sua educação, através de debates.

As sentenças, além de constituírem objeto nosso de estudo numa perspectiva psicológica, filosófica, sociológica ou estética, são reenviadas aos grupos, através de pequenos jornais que entre eles circularão.

Destaca-se ainda a pesquisa como uma fonte de subsídios que facilitará a interação e a compreensão entre os diversos elementos do grupo nas futuras atividades do "círculo de cultura".

Enfatizamos êsses dados obtidos, porque não acreditamos que um material vindo de fora, importado de outras re-

giões, carregado de interesses que não os daquela população, distante dos problemas, da vida e da condição dos adultos possa ser eficaz.

É convicção nossa que dialogando com os analfabetos seus problemas, possam êles se tornarem mais críticos. Porisso é o diálogo a técnica fundamental do Sistema Paulo Freire, o qual coloca os analfabetos como participantes.

Só o diálogo leva o homem a reflexivamente se tornar responsável. E esta responsabilidade só se incorpora ao homem de maneira vivencial — daí a importância da educação como experiência de vida, que valoriza as relações aprendizagem-amadurecimento.

Se, numa análise psicológica, consideramos o amadurecimento condição primordial para a aprendizagem, é inegável por outro lado que, a experiência que se traduz numa aprendizagem, enriquece o ser humano, despertando-o para a vida, contribuindo para acelerar o seu amadurecimento.

Na própria pesquisa do universo vocabular, sentimos o valor de toda uma experiência dos analfabetos, quando ouvimos sentenças como: "eu tenho a escola do mundo"; "povo tem resposta"; "quem é mais velho aprende mais, porque pensa e sabe tudo e presta mais atenção".

Afirmações dessa natureza chamam-nos a atenção para o teor de motivação que devem possuir as fichas e as "palavras geradoras". "Palavras geradoras" são as palavras chave que, decompostas em seus fonemas, propiciam o surgimento de novas pela combinação daqueles. Assim, por exemplo, a palavra "favela" poderia gerar: favo, five-la, luva, leva, vovó, fala, lavava, fila, etc.

Apoiados no universo vocabular obtido, selecionamos vocábulos com dificuldades fonêmicas a serem dominadas pelos analfabetos, de maneira que, uma vez vencidas, possam ler qualquer texto que se lhes entregue.

Para isso, teremos de rever as dificuldades da linguagem portuguesa; além das consoantes, deveremos colocar situações de c (forte), c brando), ç, rr, ss, ch, lh, nh, g (forte) (brando), que, gue, cl, cr, etc.

Para Cajueiro Sêco (Recife), comunidade próxima aos Montes Guararapes, escolhemos as palavras geradoras seguintes: tijolo, voto, siri, palha, biscate, cinza, doença, chafariz, máquina, emprêgo, engenho, mangue, terra, enxada, classe.

Para Tiriri, colônia agrícola da SUDENE, na cidade do Cabo (Pernambuco) escolhemos: tijolo, voto, roçado, abacaxí, cacimba, passa, feira, milho, maniva, planta, lombriga, engenho, guia, barracão, charque, cozinha, sal.

Com o material colhido em algumas pesquisas feitas em localidades diversas de Pernambuco, e apoiados no vocabulário do "trânsito" brasileiro (*), conseguimos uma redução maior de palavras geradoras que nos possibilitaram uma unificação de situações para todo o Estado, sem comprometimento das zonas fisiográficas.

As palavras geradoras em número de dezesseis do vocabulário mínimo obtido, permitirão o surgimento de palavras do vocabulário ordinário das comunidades pesquisadas. Dessa maneira, a seleção foi viável e científica.

O vocabulário mínimo com o qual alfabetizaremos Pernambuco consta das palavras: tijolo, povo, farinha, terra,

sêca, casa, cego, guia, engenho, enxada, máquina, trabalho, chuva, pobreza, classe, eleição.

Lançamos as palavras geradoras escolhidas em situações existenciais do grupo. Cada palavra a visualizar se associa, ora ao objeto que representa (enxada), ora à situação toda representada na ficha, como mangue.

Inauguramos as atividades do "círculo de cultura" discutindo com os analfabetos o conceito antropológico de cultura. O coordenador nada vai expor, ao invés, dialoga com os participantes, arrancando deles socráticamente algumas noções, levando-os a, de maneira reflexiva, tirarem suas conclusões.

A primeira ficha, que representa o homem diante do mundo, leva os analfabetos após a pergunta do coordenador "que vemos na ficha" a fazerem uma descrição oral. É conveniente salientar que o tratamento *nós*, integra o coordenador no grupo, aproximando-o dos participantes.

Quando investigados a respeito da atitude do homem, entendem que êle se relaciona com o mundo e o faz, explicam, porque tem ciência, pensamento, razão, juízo. O coordenador leva em seguida o grupo a observar que há coisas na ficha que o homem não fez: a árvore, o monte, o pássaro, o porco e o homem; pertencem ao mundo da natureza e são os entes da natureza. Observam também que há coisas que o homem fez, criou, como a casa, a cacimba e o chapéu do homem, objetos êsses que aparecem na ficha projetada. O mundo das coisas que o homem criou é o da cultura. De debate em debate, descobrem os participantes que a cultura surgiu inicialmente como uma atitude-

resposta do homem para satisfação de suas necessidades vitais de sobrevivência. Dêse modo, o homem ao sentir sede, cavou o chão e buscou a água. Ao ver-se desabrigado, usou a inteligência e fez a casa e o chapéu e, com isso, fez cultura.

As três fichas que se seguem, representam três caçadores: um índio, um caçador da fase atual e um gato caçando um rato.

Diante delas, os participantes identificam os objetos de cultura e os entes da natureza. Alguns se referem às penas da tanga do índio, antes da natureza e depois da cultura, uma vez que o índio matou o pássaro, arrancou-lhe as penas, colocou-as num cinto, pintou-as e se vestiu com elas.

Através de uma análise maior, o coordenador fará que percebam que, quando o homem descobriu que poderia prolongar o braço dez, vinte ou trinta metros e numa posição estratégica conseguiu a sua presa, inventou um instrumento, o arco e a flecha e nesse momento fez cultura. Por outro lado, ao passar para os outros homem a técnica incipiente de fazer o instrumento, bem como o seu uso fez educação.

Surge então a educação da própria cultura, nela se embebendo e relacionando-se dialeticamente com ela.

Comparando os dois caçadores homens, distinguem a diferença faseológica entre eles, denominando o segundo de mais civilizado. Comentam as vestimentas de ambos e os instrumentos de caça. Afirmam que, enquanto o índio faz um esforço enorme para impulsionar a flecha, o outro caçador, feita a pontaria, gasta o mínimo de energia apertando apenas o gatilho da espina-

guarda. Comentam o papel da tecnologia e o que representa para o desenvolvimento.

O coordenador de debates discute ainda com o grupo a fase iletrada do 1.º caçador, uma vez que correspondia a uma época em que a herança cultural se processava via oral e a fase de sociedade letrada do segundo, quando a herança se faz preponderantemente através da leitura e da escrita.

Para que comparem o mundo humano com o animal, projetamos um diapositivo que representa um gato. O objetivo é mostrar a diferença ontológica entre os dois caçadores, distinguindo o homem porisso mesmo órbitas existenciais diferentes, enquanto o gato não.

Os analfabetos afirmam que o gato não tem razão e come o rato por instinto.

Num "círculo de cultura" um homem disse: "o gato pega o rato e só faz comer; o homem cuida do porco, engorda o porco, quer bem ao porco; quando mata o porco, come a sua carne, mas é capaz de fazer de seu couro um objeto de cultura".

As fichas que se seguem apresentam o homem trabalhando o barro e o homem lendo. O assunto central é o trabalho e o uso que o homem faz da matéria que a natureza lhe fornece e da qual ele faz objetos de cultura, dando uma forma à matéria.

Ao nomearem objetos diferentes que do barro poderão surgir, projetamos esses objetos, assim como quadrinhas ou trovas populares. A partir daí, interpretam o jarro de barro, a poesia, a música como cultura e que surge agora, como um acrescentamento que o homem faz ao mundo da natureza. Muito

tos descobrem-se criadores, quando percebem que o ímpeto criador é comum a todos os homens.

Para concluir, discutimos padrões de comportamento projetando o gaúcho e o vaqueiro nordestino. Observa o grupo os usos, costumes e hábitos dos dois e a diversidade regional dentro da unidade nacional. Passaram os comentários a gravitar em torno da resistência às mudanças. Considerações são feitas ao acúmulo da experiência humana e à urgência da erradicação do analfabetismo no mundo atual.

Com a ficha final que sintetiza tudo o que foi debatido aborda-se o problema da democratização da cultura. O diálogo sobre esse assunto abre perspectivas novas para os participantes que se sentem altamente motivados para a alfabetização.

A alfabetização no Sistema Paulo Freire é uma consequência da conscientização. Uma vez introduzido no "círculo de cultura" e iniciado nas atividades pela discussão do que é cultura e mais adiante dialogando a respeito de problemas vitais e sociais, sente-se o analfabeto além de profundamente motivado, desinibido, inclusive pela dimensão nova que adquire de ser capaz de criar. Torna-se auto-confiante e comporta-se já, diferentemente.

Thorpe e Schumuller ao estudarem a aprendizagem dizem que, se o homem não inventasse meios sempre melhores e mais numerosos de ajustamento a seu meio, o espaço, posteriormente seria esquecido. Por outro lado, Wheeler afirma que se o homem não fôsse capaz de se ajustar a seu ambiente atual, não poderia satisfazer sua necessidade de ajustamento a condições modificadas. E

conclui parecer haver progresso consciente do comportamento de adaptação.

Embora a psicologia tenha terminologia e conceitos específicos, discordamos da denominação "ajustamento".

O pensamento dos autores citados revela o dinamismo e a abertura da pessoa humana, bem como a capacidade que tem ela de se modificar.

No entanto, é convicção nossa de que o homem apenas não se ajusta a seu meio, mas faz mais que isso, integra-se a ele, inteira-se mesmo.

Com poucos dias de funcionamento do "círculo de cultura" os analfabetos sentem-se espontâneos e num dêles, alguns participantes tentaram coordenar os debates, conseguindo fazê-lo.

A alfabetização se processa por um método analítico-sintético, o da palavração, que nos parece vem sendo bastante eficaz na alfabetização de adultos. Os métodos analítico-sintéticos alicerçam-se em princípios científicos, sobretudo nos de ordem psicológica, garantindo uma aprendizagem mais rápida. Neles, são empregados processos que partem do todo, decompondo-o em partes, para posteriormente recompô-las no todo.

Os princípios científicos a que os métodos analítico-sintéticos obedecem são de ordem psicológica e metodológica. A primeira se faz representar pelo *sincetismo*, que é a capacidade psicológica que possuímos de reter o conjunto, o todo antes dos detalhes. A segunda é a *globalização* do ensino.

Consideramos ainda fatores da aprendizagem como: o interesse que a palavra desperta no grupo, a partir de algo conhecido para o desconhecido, do mais fácil para o mais difícil. Como a pala-

vra representa algo de concreto tem uma significação para os participantes, sendo de maior interesse e valor que uma letra.

Porisso mesmo, na alfabetização há uma tríplice associação em que surge inicialmente a idéia, a qual se associará ao objeto e à forma gráfica do vocábulo.

Resumindo, podemos dizer que os processos atuais de leitura são de natureza áudio-visual. As ajudas visuais propiciam maior fixação.

Uma vez desafiados com a ficha projetada, os analfabetos descrevem o que vêem e geralmente empregam palavras soltas ao se iniciarem. Cabe ao coordenador levá-los a fundamentar suas opiniões em bases mais críticas, quando lançam os "porque", para que", onde", "como".

A ficha engloba aspectos diversos da realidade; partimos para a conversação da realidade local, associando-a à regional e nacional, debatendo aspectos econômicos, sociais, políticos, sanitários, etc., a que as fichas ofereçam oportunidade. Esse debate deve dinamizar todo o grupo, levando todos a se expressarem mais racionalmente. Para isso, o coordenador reformula as respostas dadas em uma nova pergunta e a devolve ao grupo. Numa ficha que represente uma secção eleitoral, surge possivelmente a discussão sobre governo, democracia, participação do povo, responsabilidade do eleitor, condições para ser eleitor, título, voto do analfabeto, voto de cabresto, poder do voto, etc.

A ficha de *tijolo*, cuja situação sociológica pode corresponder a de uma construção em que se destaquem pedreiros trabalhando, dá oportunidade a assuntos

diversos: o trabalho no aspecto econômico, social, a política do trabalho, leis trabalhistas, valor do trabalho, espírito de solidariedade, relações do trabalho com a cultura, etc.

Concluído o debate, faz-se a associação do vocábulo quando se atentar para o que está escrito na ficha e a que muitos analfabetos chamam de letrume. Inicia-se aí, a visualização do vocábulo, que continua numa segunda em que aparece a palavra isolada.

É conveniente salientar que a visualização não é a simples memorização, como fazia a escola tradicional na fixação do a, b, c. Não é uma forma mecânica, ao invés é uma forma estrutural e orgânica, uma gestalt. Na compreensão da gestalt da aprendizagem, os gestaltistas acentuam "a percepção de relações, a consciência das relações entre as partes e o todo, dos meios com as consequências" (*).

Após a visualização, introduz-se o grupo na decomposição, como por exemplo: ti-jo-lo.

Da primeira sílaba *ti* leva-se o grupo a conhecer toda a família fonêmica resultante da combinação da consoante inicial com as demais vogais; seguidamente, leva-se o grupo a conhecer a segunda família fonêmica e posteriormente a terceira.

Ao se depararem com a família fonêmica, eles reconhecem apenas a sílaba da palavra visualizada. E de importância não é só conhecer, mas reconhecer, uma vez que só há verdadeira aprendizagem havendo reconhecimento: (ta, te, ti, to, tu), (ja, je, ji, jo, ju) e (la, le, li, lo, lu).

Reconhecido o *ti* de *tijolo*, o grupo compara com as outras sílabas notan-

do que começam iguais e se diversificam no fim e porisso cada um tem um nome.

Conhecendo-se cada família fonêmica separadamente, fazem-se diversas leituras para que se fixem as sílabas novas. Chega-se então ao momento das famílias já conhecidas aparecerem juntas:

ta te ti to tu
ja je ji jo ju
la le li lo lu

Feita a leitura em horizontal, faz-se em vertical, a fim de que os participantes notem que as sílabas agora se iniciam diferentes e terminam iguais. Preparam-se para a decomposição da sílaba em letras.

Interessante é que diante dessa ficha, geralmente os participantes descobrem a palavra visualizada ou outra, *lata* por exemplo. É realmente importante, porque nesse momento eles apreendem o mecanismo da língua portuguesa, que é o juntar sílabas. Daí, denominarmos essa ficha de "ficha da descoberta". É que não se fez doação, nada se deu pronto ao analfabeto, mas ele *descobriu*.

Também ele aí se prepara para, ele próprio, montar o primeiro subsistema do segundo sistema de sinalização pavloviano, a que o Prof. Jarbas Maciel se refere no seu trabalho sobre a fundamentação teórica do Sistema Paulo Freire. Com base nesse subsistema, o próprio homem, posteriormente, juntará as sílabas, escrevendo, e formará a palavra por inteiro.

A dimensão nova que lhe dá o conceito de cultura se faz constatar agora, quando se descobre lendo e escrevendo.

Finalmente, conhece as vogais e in-

troduz-se na escrita. Interessam-se muito na formação de palavras outras que encontram. Da palavra *tijolo* poderiam formar: loja, jato, lote, talo, tato, lata, luta, tule, etc.

Na medida em que visualizam uma palavra geradora nova, dominam dificuldades fonêmicas diversas, até que após vencerem tôdas, ficam totalmente alfabetizados.

Há dias dedicados à fixação do que foi apreendido, em que se exercitam em leituras individuais e coletivas, autoditados e jogos de fundamental importância.

Noções de maiúsculas, ponto final, acentuação são introduzidas na medida em que surgem as oportunidades. É conveniente observar que desde o início recebem palavras e sentenças por eles formadas, batidas à máquina ou mimeografadas, para que se identifiquem com a letra de imprensa.

Jornais são circulados, lidos e debatidos; pequenas composições, poemas e bilhetes são escritos. Provas são realizadas para avaliação do trabalho. Temos conseguido isso, numa média de 40 horas de atividade que correspondem ao período de aproximadamente um mês e meio ou dois meses.

Uma vez adquirido um instrumental tão valioso, começam a usá-lo. Como educação é atividade permanente continuamos o trabalho numa segunda etapa do sistema que se encontra em elaboração.

Estamos trabalhando intensivamente na montagem dessa outra etapa bem

mais ampla que a primeira e esperamos que os resultados sejam positivos. Uma vez testada, publicaremos os resultados com fidelidade.

BIBLIOGRAFIA

PAULO FREIRE, 'Educação e Realidade Brasileira' (tese), 1959.

THORPE LOUIS e SCHMULLER ALLEN, "Les Theories Contemporaines de l'Apprentissage".

RESUMÉ

DANS CE TRAVAIL l'auteur s'applique à présenter le fonctionnement pratique du système PF, dont la théorie a été exposé dans les articles précédents.

Le premier contact avec la communauté dans laquelle doit être employée la méthode d'alphabétisation est fait par le moyen d'une recherche sur l'univers des mots. Il s'agit d'un travail assez simple, fait au cours de simples conversations. Ce premier moment est fondamental puis-qu'il fournit le degré de conscientisation existant dans la communauté les phrases récoltées exercent un rôle expressif. En même temps de là viennent les paroles qui, étant celles qui indiquent les situations existentielles fondamentales de la vie communautaire, seront choisies comme les mots-générateurs qui doivent fonctionner audio-visuellement dans le processus d'alphabétisation.

Comme l'observe l'auteur, ici commence à se définir la philosophie du système employé: travailler avec le propre matériel fourni para la communauté à rendre consciente. C'est le moment indiqué pour que le coordonnateur des débats intervienne et que s'établisse le dialogue.

La clef du système à employer se concentre donc dans le travail sur les mots-générateurs, qui sont les mots-clefs dont la décomposition en phonèmes donne le surgissement de nouvelles combinaisons. Dans l'univers des vocables obtenu on choisit les vocables dont les difficultés phonémiques devront être dominées par l'alphabète.

Après la mise sur fiche (slides), le mot-générateur, par la représentation visuelle, s'associe soit

à l'objet qu'il représente soit à la situation même représentée par toute la fiche.

Suivent alors les activités des cercles de culture. On discute à partir de l'"insight" de la situation existentielle de la communauté, le concept anthropologique de culture, alors que la lère fiche représente l'homme devant l'Univers. On y met les objets de la nature et de la culture pour amener, débat après débat, les participants à découvrir que la culture se présente comme une réponse de l'homme aux nécessités vitales de survivence.

Les trois fiches suivantes insistent sur la distinction entre monde de la nature et monde de la culture, pour montrer où, à l'intérieur de l'univers culture, s'insère l'éducation. Les fiches présentent alors une importance décisive avec les deux étapes de la vie humaine (à travers un indien qui chasse et un chasseur actuel). Par le moyen des ces fiches ils distinguent la différence de phase existante entre eux et ils arrivent à discuter le rôle de la technologie en soi et dans le Développement.

Les fiches suivantes donnent la motivation d'une discussion sur le problème de l'instinct et de la raison, sur la fonction du travail et de l'homme créateur. Après ça on discute les divers patrons qui forment les différentes communautés nationales (par ex. du gaúcho para rapport au "vaqueiro" du Nord-est).

La dernière fiche synthétise toute la discussion antérieure et pose le problème de la démocratisation de la culture.

ABSTRACT

IT IS THE AUTHOR'S job to impart a new approach to Prof. Paulo Freire's system of adult education, namely the practical one. Its theoretical foundations had been laid in the preceding articles.

The initial first-hand contact with the community in which the system will be applied takes place when the illiterates' word-universe is surveyed. This is a rather simple procedure, in which the only technique used is a free and informal dialogue with the adults. Though simple its importance can never be over-emphasized, for it is from this survey that the degree of conscience of their status and of their social and cultural problems is actually ascertained. The answers they give to a

number of specific questions are written down. These sentences are then studied from a great many points of view. It is from these sentences, furthermore, that a few words are picked up as the best ones for literacy teaching, both from the point of view of their gradually increasing phonemic difficulty and from the standpoint of their meaning to the adults' existential conditions.

As the author herself points out, even from the outset the philosophy upon which the system is based is clearly shown: one should always work with the material supplied by the very same community to be taught literacy. A discussion leader replaces the traditional teacher and this

material is given back to the adults through a rather informal debate.

The key to the system are the so-called generating words, sixteen altogether, from which the adults themselves will discover all others through the proper operation of the syllabic mechanism of the Portuguese language. Every one of these key-words are associated with a corresponding sociological situation and projected in a slide for the group.

The class is replaced by a "culture center" and the projection of each slide is followed by a dynamical discussion of the groups's life conditions. The anthropological concept of culture is thus introduced even before the adults are able to read and write. To that effect the first situation projected in slide is a representation of man facing

reality, so that the adults are gradually led to distinguish between a world that man did not make (the world of nature) and a world that man did make (the world of culture). They soon discover by themselves that it is through his work that man creates the world of culture. Education itself is a being of culture. Nine slides are specially designed to make the adults conscious of all this and also of the fact that man's world admits of a sequence of phases of socio-cultural development which ends up in our own stage of civilization.

The role of work is greatly emphasized, and man is viewed as a fundamentally creative being. His natural habitat cannot be but freedom, and his destiny shall only be fulfilled to the extent that he inserts himself in a position of subject of his own responsible actions.